



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LETRAS**

JUSIEUX SANTOS DA SILVA

**LETRAMENTO LITERÁRIO A PARTIR DO TEXTO "A ÚLTIMA CRÔNICA" DE
FERNANDO SABINO: UMA PROPOSTA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL II**

**GUARABIRA- PB
2018**

JUSIEUX SANTOS DA SILVA

**LETRAMENTO LITERÁRIO A PARTIR DO TEXTO "A ÚLTIMA CRÔNICA" DE
FERNANDO SABINO: UMA PROPOSTA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL II**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras do Centro de Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Letras

Área de concentração: Linguagem e Ensino
Orientadora: Prof^a. Dr^ª. Edilma de Lucena Catanduba

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586l Silva, Jusieux Santos da.
Letramento literário a partir do texto "A Última Crônica" de Fernando Sabino. [manuscrito] : uma proposta para o ensino fundamental II / Jusieux Santos da Silva. - 2018.
24 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.
"Orientação : Profa. Dra. Edilma de Lucena Catanduba, Coordenação do Curso de Letras - CH."
1. Letramento. 2. Literatura. 3. Ensino fundamental.
21. ed. CDD 372.41

JUSIEUX SANTOS DA SILVA

LETRAMENTO LITERÁRIO A PARTIR DO TEXTO "A ÚLTIMA CRÔNICA" DE
FERNANDO SABINO: UMA PROPOSTA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL II

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Departamento de Letras do Centro de
Humanidades da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do
título de graduado em Letras.

Área de concentração: Linguagem e Ensino.

Aprovada em: 15/06/2018

BANCA EXAMINADORA

Edilma de Lucena Catanduba

Prof. Dr^a. Edilma de Lucena Catanduba (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Rosângela Neves A. Silva

Prof. Dr^a. Rosângela Neves Araújo da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Maria Neni de Freitas

Prof. Dr^a Maria Neni de Freitas
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus que me sustentou em todas as adversidades e percalços que surgiram no meu caminho, me proporcionando força e coragem para nunca desistir dos meus sonhos e objetivos.

Aos meus pais que nunca mediram esforços para me ajudar na concretização desse sonho, sempre me incentivando e torcendo pelo meu sucesso. Sou muito grato e rogo a Deus vida longa á eles.

Aos meus amigos que sempre me motivaram a continuar na caminhada até o fim, em especial ao meu amigo Daniel Alcântara, que de forma solícita, na medida do possível, sempre me ajudou, obrigado por suportar meus aperreios.

A Francisco de Assis Matias, de forma especial, por sempre acreditar na minha capacidade de tornar esse sonho realidade, pelos conselhos, que foram de suma importância para meu amadurecimento.

À minha orientadora pela paciência e compreensão, pela forma humana que conduziu a orientação, sempre me direcionando da melhor forma possível.

LETRAMENTO LITERÁRIO A PARTIR DO TEXTO "A ÚLTIMA CRÔNICA" DE FERNANDO SABINO: UMA PROPOSTA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL II

RESUMO

O artigo possui como objetivo geral apresentar uma proposta de letramento literário a partir do texto "A Última Crônica" de Fernando Sabino para o Ensino Fundamental II. Apresenta como objetivos específicos: discutir sobre a escola e o seu papel no processo de letramento; apresentar um panorama do nível de alfabetização do brasileiro na atualidade e diferenciar alfabetização e letramento. O interesse por essa temática se justifica pelo fato de que muitas vezes, um aluno sabe decodificar o texto literário, mas não consegue inferir uma relação desse texto como o mundo, com a sua própria realidade. Sobre o autor Fernando Sabino, destaca-se o seu olhar sensível e empático. A escolha pelo texto "A última crônica", se deu pelas próprias características do gênero da crônica. O letramento possui grande importância enquanto proposta para a formação de crianças e adolescentes leitores, hábeis no entendimento do seu universo e do outro, capazes de respeitar e perceber o mundo a partir de registros de sua sensibilidade e subjetividade. O espaço escolar, embora não seja o espaço exclusivo de desenvolvimento e estímulo à formação desses hábitos e desenvolvimento de competências literárias, é sem dúvidas, o espaço privilegiado e naturalmente portador dessa missão, à qual precisa se juntar toda a sociedade. A metodologia escolhida para isso, foi a revisão bibliográfica, na qual, os principais autores utilizados foram Freire (2008), Barthes (2002), Soares (2012), Cosson (2014), entre outros.

Palavras-chave: letramento, literatura, ensino fundamental.

ABSTRACT

The article has as general objective to present a proposal of literary literacy from the text "The Last Chronicle" by Fernando Sabino for Elementary School II. It presents specific objectives: to discuss the school and its role in the literacy process; present an overview of the level of literacy of the Brazilian in the present time and differentiate literacy and literacy. The interest in this subject is justified by the fact that a student often knows how to decode the literary text, but can not infer a relation of this text as the world, with its own reality. About the Author Fernando Sabino, stands out his sensitive and empathic look. The choice for the text "The last chronicle", was due to the very characteristics of the genre of the chronicle. The literacy has great importance as a proposal for the formation of children and adolescents readers, skilled in the understanding of their universe and the other, able to respect and perceive the world from records of their sensitivity and subjectivity. The school space, although it is not the exclusive space of development and stimulus to the formation of these habits and development of literary competences, is undoubtedly the privileged space and naturally bearer of this mission, to which the whole society must join. The methodology chosen for this was the bibliographic review, in which the main authors used were Freire (2008), Barthes (2002), Soares (2012), Cosson (2014), among others.

Keywords: literacy, literature, elementary school.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	08
2 O SISTEMA EDUCACIONAL E A LITERATURA COMO INSTRUMENTO DE LIBERTAÇÃO	09
3 NÃO BASTA LER E ESCREVER.....	11
4 LETRAMENTO NA ESCOLA.....	13
4.1 O LETRAMENTO LITERÁRIO E A PROPOSTA DE SEQUÊNCIAS DE COSSON.....	14
4.1.1 A CRÔNICA E O CRONISTA FERNANDO SABINO.....	16
5 PROPOSTA DE LETRAMENTO LITERÁRIO PARA O ENSINO FUNDAMENTAL II A PARTIR DA CRÔNICA “A ÚLTIMA CRÔNICA” DE FERNANDO SABINO.....	18
5.1 PRIMEIRO PASSO: MOTIVAÇÃO.....	18
5.2 SEGUNDO PASSO: INTRODUÇÃO.....	19
5.3 TERCEIRO PASSO: A LEITURA.....	19
5.4 QUARTO PASSO: INTERPRETAÇÃO.....	20
5.4.1 DISCUTINDO TRECHOS DA OBRA.....	21
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	24
ANEXOS.....	26

1 INTRODUÇÃO

A leitura possui importância fundamental em vários aspectos da vida, e de igual modo, na escola, essa necessidade se faz ainda mais urgente. No entanto, por diversas razões, sejam elas de natureza estrutural das escolas, de formação docente, de contingências sociais e culturais, de condições econômicas, nem sempre se dá a implementação de propostas e de práticas de leitura.

Destacamos a escola, como um lugar privilegiado para o desenvolvimento do letramento, embora ela não seja, evidentemente o único meio e espaço com essa finalidade. Possivelmente sobre ela recaia essa expectativa, pelo que as políticas educacionais conseguiram arregimentar em termos de disposições e finalidades institucionais da escola, do ponto de vista do currículo e dos requisitos mínimos de formação da população, sem que outros espaços e estratégias de acesso à leitura sejam estimulados.

Dentro desse panorama, o artigo possui como objetivo geral apresentar uma proposta de letramento literário a partir do texto "A Última Crônica", de Fernando Sabino, para o Ensino Fundamental II. Para tanto, é proposto ainda como objetivos específicos, contextualizar historicamente e socialmente a linguagem e a escrita; discutir sobre a escola e o seu papel no processo de letramento; apresentar um panorama do nível de alfabetização do brasileiro na atualidade e diferenciar alfabetização e letramento.

O interesse por essa temática se justifica pelo fato de que muitas vezes, um aluno sabe decodificar o texto literário, mas não consegue inferir uma relação desse texto como o mundo, com a sua própria realidade. A escolha pela obra de Fernando Sabino, se deu pelo seu olhar sensível e empático, presente não só em seus textos como também em produções audiovisuais decorrentes de sua obra.

Em uma sociedade dominada pela rapidez da informação, com grande facilidade de produção e compartilhamento de conteúdo, é algo que pode despertar interesse de grande parte da turma, principalmente na faixa etária considerada. A etapa do ensino fundamental II comporta crianças e adolescentes entre os 10 e 15 anos de idade, sendo uma importante fase de socialização, integração do pensamento crítico e formação de juízos de valor.

A escolha pelo texto "A última crônica", se justifica pelas próprias características do gênero. São textos curtos, que remetem ao cotidiano, enfatizando a realidade social dos personagens e de fácil leitura e interpretação. Em um país aonde apenas 8% da população (INAF, 2005) dispõe de plenas condições de compreender e se expressar a partir da escrita, o

letramento literário é uma possibilidade de colaborar na formação de pessoas que não só leiam e escrevam, mas que consigam refletir, contestar e contribuir a partir das palavras.

2 O SISTEMA EDUCACIONAL E A LITERATURA COMO INSTRUMENTO DE LIBERTAÇÃO

Segundo Freire (2008), diante dos avanços alcançados na educação e na sociedade de maneira geral, o sistema educacional demonstra tentar dialogar com novas abordagens, ferramentas e métodos. Esse processo ocorre não só para continuar transmitindo conhecimento para seus alunos, mas também para questionar a importância do que oferece e como tornar esse saber interessante diante de gerações com uma facilidade muito maior de adquirir informações, usando para isso, principalmente os meios digitais. Nesse cenário, discutir qual seria a função das escolas e professores é refletir sobre a própria educação e como ela precisa acompanhar a sociedade.

Para o autor, é inaceitável que a educação não seja igualitária, e que as distinções sociais estejam presentes também nas salas de aula, fazendo desse espaço não mais de oportunidades, mas simplesmente uma extensão de todas as limitações vivenciadas fora dele. Para ele, essas discussões devem fazer parte da ótica da escola, formando alunos que possam refletir, discutir e contestar. “Sabemos que a educação não pode tudo, mas pode alguma coisa. Sua força reside exatamente na sua fraqueza. Cabe a nós pôr sua força a serviço de nossos sonhos.” (Freire, 2008, p. 126).

Sendo a educação, segundo Freire, um instrumento a serviço da democratização, e buscando contribuir a partir das vivências comunitárias dos grupos sociais, almejando assim, um sistema educacional capaz de proporcionar aos indivíduos muito mais que uma preparação acadêmica, mas sim, instrumentos que possam ser capazes de gerar uma liberdade social mesmo que diante de cenários que limitam suas possibilidades, se tornando “[...] um processo pelo qual o educador convida os educandos a reconhecer e desvelar a realidade criticamente” (Freire, 2008, p. 125)

O autor ainda define o tradicional currículo escolar, como parte de uma educação bancária, na qual, os estudantes seriam depósitos vazios a serem preenchidos pela instituição de ensino. O que segundo Freire, é um equívoco, diante das inúmeras possibilidades que a educação pode trilhar buscando não só transferir conteúdos, mas buscando formas de dialogar com seus alunos e compreendê-los de maneiras mais ampla. Freire (2008, p.123) aponta os benefícios dessa abordagem, “o diálogo libertador é uma comunicação democrática, que

invalida a dominação e reduz a obscuridade, ao afirmar a liberdade dos participantes de refazer sua cultura”.

Ainda segundo Freire (2008), o espaço de educação deve ser empático, afetivo, tolerante e paciente, Tornando possível que se aprenda aquilo que não se sabe, sem abrir mão daquilo que já se conhece por meio de outros meios e a partir disso, buscando ter a sua própria interpretação e vivência de mundo. O conhecimento não deve ser compreendido como uma propriedade, mas sim um resultado em constante transformação, de um processo reflexivo com base em diversas fontes de saber e diálogo.

Já de acordo com (Barthes, 1992, p.16), a própria linguagem que utilizamos, guarda conceitos de poder em sua essência, o que ele descreve como “o poder é intrínseco à língua, já que a língua que permeia o ensino não é livre, “pura” de poder. Para ele, a única alternativa que temos para buscar um ensino livre, é a partir da literatura, que segundo o autor, consegue jogar com seus sentidos e a partir disso, desenvolver a sua própria lógica, em um ato que ele aponta como “libertador”.

Barthes (1992) afirma que a literatura tem três características principais, a primeira delas, é identificada pelas possibilidades que ela pode comportar em uma mesma obra. Esse conhecimento pode ser de ordem histórica, cultural, política, psicológica ou de qualquer outra. Segundo o autor, qualquer tema, ciência ou discussão pode se fazer presente na literatura. Não basta para isso, que essas questões estejam explícitas ou sejam alardeadas ao longo do seu percurso.

Segundo o autor, a literatura amplia nossos conhecimentos com um diferencial, ela é aberta a receber as contribuições de seu leitor, que vai compreendê-la utilizando para isso os seus próprios recursos diante do que é abordado. E se ele com base na obra, mudar suas convicções, esse processo ocorrerá de maneira reflexiva, e não impositiva.

O autor descreve essa relação entre ciência e literatura como uma relação onde elas devem se completar “a ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir essa distância que a literatura nos importa” (Barthes, 1992, p19).

Ainda de acordo com Barthes (1992), não é mais possível que a educação ainda se resume em métodos deterministas e fechados, e a própria leitura e escrita, não devem se tornar reféns disso. O próprio sistema educacional que forma professores, controla, normatiza e priva a liberdade inclusive de sua própria escrita. A linguagem que eles devem utilizar deve estar dentro de rigorosos padrões, caso contrário, será descartada ou julgada de menor valor, sem que seu conteúdo seja nem mesmo considerado.

Enquanto a linguagem acadêmica impõe suas diretrizes e obriga seus alunos, alguns deles futuros professores, a se adaptarem, a literatura, segundo o autor, liberta suas mentes e os apresenta uma imensa gama de possibilidades de como podem se expressar sem qualquer constrangimento ou culpa.

De acordo com Piaget (1977), podemos dividir as relações sociais em dois tipos, sendo a primeira, a de coação social, que segundo o autor, é toda relação entre dois ou mais indivíduos na qual intervém um elemento de prestígio ou autoridade, e nesse tipo de relação acontece do indivíduo ser coagido. Já a segunda, são as relações de cooperação, onde as partes envolvidas precisam dialogar entre si, de modo que seja algo agradável e válido para ambos.

3 NÃO BASTA LER E ESCREVER

Segundo Soares (2012) a palavra alfabetização etimologicamente significa levar à aquisição do alfabeto, ou simplesmente, conduzir ao conhecimento da leitura e da escrita. Entretanto, foi a partir das contribuições de Freire (2008) que começou a se repensar esse conceito e os métodos empregados, que eram até então, baseados na memorização e não na busca por desenvolver no aluno um domínio da escrita e da leitura que o permitisse fazer um uso ampliado delas. O autor também declarava que a educação deveria ser capaz de mobilizar os indivíduos socialmente, algo que segundo ele, não acontecia.

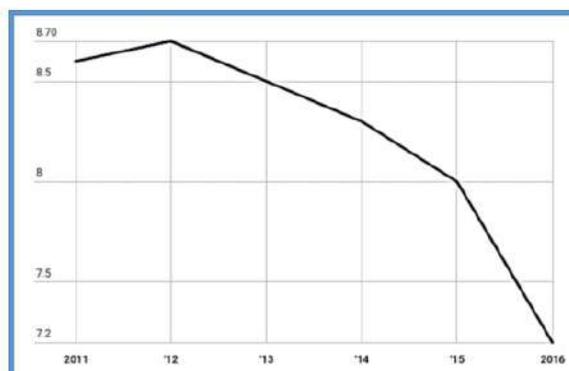
E são justamente por razões de cunho social, e o desinteresse e descrédito no sistema atual de educação, alguns dos principais fatores que fazem com que o Brasil tenha 2.486.245 crianças e adolescentes de 4 e 17 anos fora da escola, segundo levantamento¹ feito pelo Todos Pela Educação com base nos resultados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad, 2017). Esse valor representa cerca de 6% do universo total de alunos.

De acordo com o IBGE (2016)², o país ainda tem cerca de 11,8 milhões de analfabetos, pessoas que não sabem ler ou escrever, o que corresponde a 7,2% da população de 15 anos ou mais. Apesar do número ainda ser alto, ele segue uma tendência de queda que vem acontecendo nos últimos seis anos:

Gráfico I: Analfabetismo no País nos últimos seis anos

¹ Disponível em: <https://www.todospelaeducacao.org.br/conteudos-especiais/45738/quase-metade-dos-analfabetos-do-pais-ja-foi-a-escola/>

² Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/so-8-dos-brasileiros-dominam-de-fato-portugues-e-matematica/>



Fonte: IBGE (2016)

A meta 9 do Plano Nacional de Educação³, pela lei sancionada em 2014, previa a redução da taxa de analfabetismo para 6,5%, em 2015 no país, mas isso não aconteceu.

A Pnad ainda aponta que o percentual de analfabetismo de pretos ou pardos é mais que o dobro da população branca, 9,9% e 4,2%, respectivamente. Na quantidade de anos dedicados aos estudos, também há discrepâncias entre a população branca e a negra, com 9 anos e 7,1 anos de estudo, respectivamente. A pesquisadora do IBGE, Helena Monteiro, avalia que esses resultados possuem uma raiz histórica e social de exclusão e repressão que ainda hoje se faz presente.

A pesquisa ainda revela que 51% da população brasileira de 25 anos ou mais, tem somente até o Ensino Fundamental completo. No Ensino Médio, 26,3% desse grupo tinha completado esse nível acadêmico e no ensino superior, 15,3% completaram essa etapa, apesar dos investimentos sociais nas últimas duas décadas para tornar a educação mais acessível, principalmente no ensino superior.

Entretanto, a situação fica ainda mais crítica quando são considerados os analfabetos funcionais, que segundo Wagner (2000), a Unesco define como sendo a situação de instrução de alguém que assina o próprio nome ou é capaz de fazer cálculos simples e ler palavras e frases isoladas, mas não consegue interpretar o sentido de textos e nem mesmo usar a leitura e a escrita com intuito de desenvolver o seu desenvolvimento pessoal e social.

Uma pesquisa conduzido pelo IPM (Instituto Paulo Montenegro) e pela ONG Ação Educativa em 2015⁴, apresentou um Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF), de acordo

³ Disponível em: <http://www.observatoriodopne.org.br/uploads/reference/file/439/documento-referencia.pdf>

⁴ Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B5WoZxXFQTCRRWFyakMxOTNyb1k/view>

com o grau de domínio das habilidades de leitura, escrita e matemática demonstrado pelos participantes da pesquisa. A partir dos resultados, foram desenvolvidos cinco grupos.

O primeiro, é o dos analfabetos, composto por pessoas que não conseguem realizar tarefas simples que envolvem a leitura de palavras e frases. O segundo, é o rudimentar, onde as pessoas já conseguem localizar informações explícitas, literais e simples. O terceiro, é o elementar, formado por aqueles capazes de operações básicas com números da ordem do milhar e selecionar uma ou mais unidade de informação em textos diversos. O quarto, é o intermediário, onde já se identifica a resolução de questões matemáticas mais complexas, e interpreta e elabora síntese de textos diversos. O quinto e último grupo, é o proficiente, e é composto por pessoas que elaboram textos de maior complexidade e também se mostra capaz de resolver situações-problema relativos a tarefas de contextos diversos.

De acordo com o levantamento, o grupo de analfabetos e o rudimentar são considerados analfabetos funcionais e correspondem a 27% da população brasileira. Apenas 8% se enquadraram no grupo proficiente, com plenas condições de compreender e se expressar a partir de letras e números.

Essa visão mais ampla para compreender o nível de alfabetização das pessoas, ainda é recente. Segundo Soares (2012), até os anos 40 do século passado, as pesquisas questionavam os seus entrevistados apenas se sabiam ler e escrever, pedindo para que eles comprovassem suas respostas assinando o próprio nome, caso respondessem de maneira afirmativa.

4 LETRAMENTO NA ESCOLA

Segundo Soares (2012), a palavra letramento é de uso recente e significa o processo de relação das pessoas com a cultura escrita. Ela chega em um cenário social e acadêmico que possibilitou a conclusão de que nem sempre o ato de ler e escrever garantem que o indivíduo compreenda o que lê e o que escreve.

A autora avalia que “à escrita traz consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la” (SOARES, 2012, p.17).

Para ela, há duas dimensões do letramento, uma individual e outra social. No âmbito individual, essa dimensão compreende-se como um conjunto de habilidades linguísticas e psicológicas, que vai dar capacidade de decodificar palavras escritas. Já na dimensão social, ela vai propor envolvimento de práticas sociais que fazem uso de maneira recorrente da língua escrita.

Entretanto, a definição de letramento não é consensual, tratando-se de um fenômeno multifacetado e complexo. Para os autores Scibner e Cole (1981, *apud* Kleiman 1995, p.18-19) “podemos definir hoje letramento como umas práticas sociais que usam a escrita, como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”.

O letramento, buscaria então, o desenvolvimento do indivíduo enquanto ser pensante e que pode inferir considerações sobre os mais vários temas e assuntos que permeiam o meio que vive, através do uso competente e livre da língua escrita e falada. “Não basta apenas saber ler e escrever, é preciso também saber fazer uso do ler e do escrever, saber responder às exigências de leitura e de escrita que a sociedade faz continuamente.” (SOARES, 2012, p.20).

Ficando nítida a diferença da alfabetização que busca simplesmente que as pessoas saibam ler e escrever, e o letramento, que almeja que elas utilizem a leitura e a escrita como ferramentas sociais de liberdade e transformação social. “Enquanto a alfabetização se ocupa da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade.” (TFOUNI, 2001, p.4).

Desse modo, o letramento deve auxiliar no processo educacional como uma ferramenta de desenvolvimento das práticas de escrita e leitura.

4.1 O Letramento literário e a Proposta de Sequências de Cosson

Paulino (1998 p.16) define o letramento literário: “como outros tipos de letramento, continua sendo uma apropriação pessoal de práticas de leitura/escrita, que não se reduzem à escola, embora passem por ela”.

O letramento literário está intrinsecamente ligado ao hábito de práticas de leituras literária, não só no ambiente escolar, mas, também para além dele, se fazendo presente no cotidiano do indivíduo, para que desse modo, essas leituras façam sentido no seu meio social. Nessa perspectiva, ele terá mais possibilidade de responder de forma coerente às demandas que esse meio exige.

Porém, alguns pressupostos teóricos afirmam que o letramento literário é de responsabilidade da escola:

[...] o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa

escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização. (COSSON, 2014, p. 23).

Portanto, partindo desse pensamento, é observado que o atual ensino de literatura encontra certa resistência, e sua relação com a educação não é das melhores. Pois “Para muitos professores e estudiosos da área de Letras, a literatura só se mantém na escola por força da tradição e da inércia curricular, uma vez que a educação literária é um produto do século XIX que já não tem razão de ser do século XXI”. (COSSON, 2014, p.20). Segundo o autor, essa recusa deve-se a questões culturais da sociedade contemporânea, que restringe um lugar à literatura na escola atual.

A escola, além de ser um ambiente de convivência e sociabilidade, configura-se como um espaço de conhecimento. Porém, precisamos refletir e pensar como tem sido esse aprender, tendo em vista que muitas são as críticas que pedem reformulação no sistema educacional.

O ensino nas escolas precisa desenvolver reflexões e discussões que contribuam na vida cotidiana dos alunos. O letramento literário, se caracteriza justamente nessa necessidade “a escola precisa de gente pensante, de gente fazedora, de gente crítica [...] que ouve de gente que fala, [...] que compreende”. BARBOSA (2009, p.26)

A escola enquanto ambiente de formação, configura-se como principal agência das práticas de letramento, sendo no espaço escolar, que o ambiente se torna mais suscetível à leitura de textos literários.

Segundo Cosson (2014) cabe à escola favorecer e/ou criar mecanismos que facilitem a correta imersão do aluno no mundo literário. A literatura é carregada de significados, e significantes e exige maior concentração, para que o texto seja compreendido. Portanto, “é preciso estar aberto à multiplicidade do mundo e a capacidade da palavra de dizê-lo para que a atividade da leitura seja significativa” (COSSON, 2014, p.27).

Ainda de acordo com o autor, cabe ao professor ser o mediador do conhecimento e ponte entre o livro e o aluno. Ele deve auxiliá-los para que o contato com a leitura literária em sala de aula seja uma prática não apenas prazerosa, mas significativa. Portanto, “essa leitura não pode ser feita de forma assistemática e em nome de um prazer absoluto de ler. Ao contrário, é fundamental que seja organizada segundo os objetivos da formação do aluno compreendendo que a literatura tem um papel a cumprir no âmbito escolar” (COSSON, 2014, p.23).

Cosson (2014), ainda apresenta uma proposta para os professores de duas sequências de aplicação. A primeira, chamada de básica, para o nível fundamental e a segunda, recebendo a nomenclatura de expandida, para o ensino médio.

Na sequência básica, o primeiro passo deve ser a motivação, onde será realizada uma introdução para o aluno para que ele comece a embarcar na obra e sinta-se convidado para ela. No segundo passo, a introdução, o autor e a obra serão apresentados brevemente. Já no terceiro, é a leitura, que deverá ser acompanhada e auxiliada pelo professor. Entretanto, o autor destaca que para leituras mais longas, recomenda-se que seja feita em casa, com um tempo determinado.

O quarto passo é a interpretação, que deve ser compreendido em dois momentos. O primeiro momento é o interior e individual, e ocorre a cada palavra e momento em que o aluno dialoga com a obra em seu processo de leitura. O segundo momento, é o externo, no qual ele já terminou a sua leitura e busca a concretização do ato de construção de sentido em uma determinada comunidade de leitores, sendo no caso da escola, entre seus colegas e o próprio professor.

Na sequência expandida, os passos são motivação, introdução e leitura e pedem um nível de complexidade mais alto, considerando que seus alunos já estão em etapas mais elevadas de conhecimento.

4.1.1 A crônica e o cronista Fernando Sabino

No letramento literário, todos os segmentos da literatura podem ser utilizados se forem bem conduzidos. Mas, um em especial, diante de sua alta criticidade e valor social, que são as crônicas, partindo “daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leitura” (COSSON, 2007, p.5).

Ainda de acordo com Cosson (2007) a palavra crônica tem a sua origem no Latim, a partir da palavra *chronica*, que no início do Cristianismo significava o registro dos acontecimentos de modo temporal e cronológico. Entretanto, foi a partir do século XIX que o gênero passou a se desenvolver como o conhecemos atualmente. Com o fortalecimento da imprensa, a crônica passou a ganhar os jornais, e sua linguagem episódica, ganhava também, contornos reflexivos, políticos e sociais, além do seu humor irônico.

Entretanto, segundo alguns registros da literatura, crônica é considerada como genuinamente brasileira.

No momento em que a imprensa brasileira se afirmou, os folhetins da França nela se aclimataram, floresceram e encontraram uma feição de tal maneira própria, que fez muitos críticos contemporâneos afirmarem que a crônica é um fenômeno literário brasileiro (BENDER e LAURITO, 1999, p. 12).

Ainda de acordo com os autores, as crônicas buscavam a partir de situações sociais e cotidianas da sociedade da época, gerar uma reflexão crítica e política enquanto era envolvido pelo seu humor irônico e ao mesmo tempo sensível. Em geral, elas possuem uma escrita aparentemente simples e são narradas em primeira pessoa, de maneira que o próprio cronista estabeleça essa conversa com o leitor.

Ainda de acordo com Bender e Laurito (1999), a crônica é considerada de gênero híbrido, sendo pertencente a literatura, e também ao jornalismo. Isso ocorre, pois apesar da utilização de recursos literários, eles servem como instrumento de informação diante de situações que são essencialmente verdadeiras e de caráter informativo. O que aproxima ainda mais o leitor do seu conteúdo, mediante a fácil identificação e aos fundamentos noticiosos.

Muitos escritores brasileiros são considerados referência na produção de crônicas, entre eles Machado de Assis, Lima Barreto, Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade.

Outro nome que merece destaque pelas suas crônicas, é Fernando Sabino. Nascido em Belo Horizonte, Minas Gerais, em 1923, e considerado um dos principais cronistas brasileiros. Ao longo de sua vida, também escreveu contos, novelas, romances e dicionários. Ele também produziu documentários e curtas-metragens. Em julho de 1999, ele recebeu da Academia Brasileira de Letras o prêmio Machado de Assis, o principal prêmio literário do Brasil.

De acordo com Sabino (1977, s/p) na orelha da sua obra “A companheira de viagem”, ele descreve que seus textos são:

simples flagrantes do cotidiano. Alguns de rara ternura, outros irresistivelmente engraçado, todos eles trazendo aquele toque mágico, que é a marca de seu autor, procurando sempre recolher da vida diária, algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência, que a faz mais digna de ser vivida.

Já especificamente sobre as suas crônicas, ele as define como:

um relato curto de fatos colhidos da realidade, com tratamento de ficção, em linguagem nítida, sem os ornatos da retórica tradicional, mas de técnica apurada e respeito aos requisitos da clareza, concisão e simplicidade. São episódios, incidentes, reminiscências, reflexões, encontros e desencontros por ele vividos na sua “aventura do cotidiano”, apresentados com rica inventiva, como se o próprio leitor participasse – nisso residindo o seu maior fascínio. Sob a aparente singeleza, transparecem a sensibilidade, o humor, a ironia, às vezes o espírito satírico – mas sobretudo a

solidária simpatia com que o autor surpreende o que há de belo, delicado ou hilariante na natureza humana. (SABINO, 1986, s/p).

E justamente nessa perspectiva, se enquadra uma de suas principais crônicas, o texto “A última crônica”, onde o autor relata um dia no qual aparentemente nada o despertava interessava ou servia de inspiração para escrever. Até que ao parar em um botequim, observa uma família de pessoas negras e pobres, sentando em uma mesa nas últimas fileiras, enquanto timidamente, improvisam o aniversário de três anos de sua filha. Eles dividem um pequeno pedaço de bolo e um refrigerante. Ao final, o pai daquela criança ao sair do estabelecimento, sorri, e é justamente esse sorriso, que fez Sabino ter a certeza sobre o que deveria escrever naquele dia.

São histórias como essa que podem colaborar não só para o desenvolvimento do conhecimento crítico, como também para gerar nos alunos o prazer com a leitura. “A crônica se presta muito bem ao uso de oficinas de leitura e produção de texto e, se o professor fizer uma boa seleção de crônicas, ela poderá despertar no aluno o tão desejado prazer do texto.” (SILVEIRA, 2009, p. 238).

5 PROPOSTA DE LETRAMENTO LITERÁRIO PARA O ENSINO FUNDAMENTAL II A PARTIR DE “A ÚLTIMA CRÔNICA” DE FERNANDO SABINO

Foi utilizado como base para essa proposta de letramento, a contribuição de Cosson (2014) e a sua proposta de sequência básica, designada ao ensino fundamental II, que segundo o Conselho Nacional de Educação, é formado em sua maioria por crianças e adolescentes com idade entre 10 e 15 anos. Também são utilizados outros autores, como Soares (2012), Piaget (1977), Freire (2008), Barthes (1992), entre outros, que referenciam a presente proposta.

5.1 Primeiro Passo: Motivação

Segundo Cosson (2014), o letramento literário deve ter início pela motivação, que deve despertar o conhecimento prévio e o interesse sobre o tema ou processo que será desenvolvido. Sendo interessante apresentar o próprio letramento e seus objetivos, permitindo assim, que os alunos compreendam o momento não só como algo prazeroso, mas também importante para suas formações acadêmicas, sociais e humanas.

Para alcançar esse objetivo, pode-se abordar questões histórias de como a humanidade se comunicava antes da escrita e como mesmo a partir dela, a educação sempre privou

grandes parcelas da sociedade do direito à educação. Outro ponto que pode ser considerado, é apresentar o letramento literário como resultante de uma mudança na maneira como se interpreta o sistema educacional, de modo que não basta mais ler e escrever, e sim que as pessoas consigam interpretar, questionar e refletir, como destaca Soares (2012).

Podendo ainda, apresentar essas distinções também em forma de dados, como os índices de analfabetismo e analfabetismo funcional no país, ressaltando as questões que envolvem a desigualdade, como por exemplo, a racial, apontada pelo IBGE (2016) e que também é abordada na crônica de Fernando Sabino.

5.2 Segundo Passo: Introdução

De acordo com Cosson (2014), nessa etapa, o professor deve apresentar o gênero, a obra e o autor que serão utilizados. No caso das crônicas, sendo interessante destacar a sua linguagem simples em retratar questões cotidianas com humor e crítica social, de modo que os próprios alunos não só sintam-se interessados em ler mas também em escrever crônicas sobre suas próprias observações e experiências. Compreendendo que na literatura, uma história não precisa ser absurdamente incomum ou mesmo mágica, para conseguir transmitir uma mensagem ou sentimento ao leitor (Silveira, 2009).

Sobre o autor em questão, Fernando Sabino, vale destacar o seu olhar sensível e empático, presente não só em seus textos como também nas obras audiovisuais, apresentando aos alunos que a leitura pode contribuir até mesmo para que seja possível atuar em outras áreas. Em um panorama digital com grande facilidade de produção e compartilhamento de conteúdo, é algo que pode despertar interesse de grande parte da turma, inclusive para o jornalismo, do qual as crônicas também fazem parte (Bender e Laurito 1999).

A escolha pelo texto “A última crônica”, deve ser justificada se baseando nas próprias características do gênero da crônica, que foram apresentadas anteriormente, e no contexto social discutido no primeiro passo desse processo.

5.3 Terceiro Passo: A Leitura

Segundo Cosson (2014), por ser a leitura de um texto breve, ele pode ser feito em um único momento. Ainda de acordo com o autor, esse momento deve ser realizado de modo que seja interessante aos participantes e para isso, a leitura pode ser realizada de forma coletiva, em voz alta e de maneira alternada por quem se disponibilizar para isso.

Outra possibilidade, é o próprio professor ler integralmente o texto, com o cuidado em fazer de maneira atrativa e buscando conter eventuais dispersões da turma. A leitura ainda pode ser feita em outros ambientes, como uma área externa e arejada.

A leitura não deve ser apressada, ou realizada nos últimos minutos de uma aula. Ela deve seguir o próprio tempo do texto, pois como destaca Barthes (1992), a literatura deve permitir que os alunos expressem em suas mentes aquilo que foi contido pelos autores em palavras. De acordo com Freire (2008), não cabe ao professor ser uma figura de poder dentro da sala de aula, o seu papel não deve ser oprimir. Desse modo, se fazendo possível repensar inclusive a própria estrutura militarizada do mestre de pé, ordenando e disciplinando, e os alunos sentados olhando para cima.

5.4 Quarto Passo: Interpretação

Para Cosson (2014, p. 65) esse é “o momento em que o texto literário mostra sua força, levando o leitor a se encontrar em seu labirinto de palavras”. De acordo com o autor, as atividades de interpretação devem variar de acordo com a série escolar, tipo de texto, entre outras características, porém, o essencial é que o aluno faça uma reflexão acerca da obra lida.

Ainda segundo o autor, esse momento pode ser realizado após a leitura, com uma discussão em grupo na qual todos podem relatar como se sentiram após a leitura do texto e o que destacariam nele. Com base na obra de Freire (2008), também seria o momento para que os alunos poderiam contribuir com suas próprias experiências pessoais, que não devem ser subestimadas. De acordo com Colomer (2007, p. 149):

já sabemos de sobra que a discussão em grupo favorece a compreensão. Serve para enriquecer a resposta própria com os matizes e os aportes da interpretação do outro, já que a literatura exige e permite distintas ressonâncias individuais. Serve para usar a metalinguagem aprendida (“personagem”, “metáfora”, “trama”, etc) quando tem sentido fazê-lo, ou seja, quando se fala sobre as obras lidas e alguém se esforça para dar sua opinião com clareza. Ou também é útil para dar-se conta de que as referências de toda comunidade são compartilhadas; [...] ou de que os adolescentes desejam saber coisas sobre autores e obras que ouvem citar a sua volta, embora seja apenas porque um de seus títulos foi adaptado para o cinema.

Esse também é o momento ideal para que os alunos possam discutir na prática os conceitos e informações que foram apresentados no início do processo, além de serem apresentadas as dúvidas que surgiram após a leitura. O texto “A última crônica” apesar de aparentemente simples, oferece margem para muitas questões, inclusive para que se possa traçar panoramas com os dias atuais.

5.4.1 Discutindo trechos da obra

No primeiro parágrafo de “A última crônica”, o leitor é apresentado a um jornalista em busca de um assunto para escrever a sua última crônica do ano. E apesar de não saber exatamente o que busca, ele tinha um objetivo. “Eu pretendia apenas recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência, que a faz mais digna de ser vivida. Visava ao circunstancial, ao episódico” (SABINO, 2015 p.23).

Ele buscava na trivialidade cotidiana, sendo essa inclusive uma característica das crônicas, o material para sua escrita. Passa por diversas situações, sem que seja capaz de parar para observar nenhuma delas, em uma clara referência ao que vivenciamos diariamente e não depositamos atenção ou simplesmente um pouco do nosso tempo. Ficamos tão envolvidos em nossas próprias necessidades e interesses, o que no caso do narrador personagem da crônica, é o desejo por encontrar algo sobre o que escrever, que demoramos a conseguir olhar para fora.

Entretanto, de acordo com Barthes (1992), a função da literatura é justamente conseguir trazer um novo olhar para o que na maior parte do tempo ignoramos. Em “A última crônica”, em determinado momento o jornalista parece lembrar como se conseguir inspiração para escrever. “Lanço então um último olhar fora de mim, onde vivem os assuntos que merecem uma crônica” (SABINO, 2015 p.23).

E ao tomar seu café em um botequim, observa uma família:

Ao fundo do botequim um casal de pretos acaba de sentar-se, numa das últimas mesas de mármore ao longo da parede de espelhos. A compostura da humildade, na contenção de gestos e palavras, deixa-se acrescentar pela presença de uma negrinha de seus três anos, laço na cabeça, toda arrumadinha no vestido pobre, que se instalou também à mesa: mal ousa balançar as perninhas curtas ou correr os olhos grandes de curiosidade ao redor. Três seres esquívos que compõem em torno à mesa a instituição tradicional da família, célula da sociedade (SABINO, 2015 p.23).

O narrador, faz questão em descrever com detalhes essa família, destacando que são negros e pobres, e como sentem-se tímidos diante do local e das outras pessoas. Não conseguem ficar à vontade, e se preocupam com cada gesto ou movimento. Ao final do parágrafo, o jornalista sutilmente questiona, essas pessoas ali colocadas à mesa, nada mais

representam do que a instituição tradicional da família, considerada como ele mesmo destaca, como sendo a célula da sociedade.

Um pai, uma mãe e uma filha, o que poderiam ter de tão diferentes para chamarem a sua atenção, e também para que eles próprios não se considerassem adequados a estarem ali?

O narrador já respondeu, eles são negros e pobres. Não é fácil que consigam se considerar iguais aos outros quando possuem oportunidades diferentes, como apontam os dados estatísticos (IBGE, 2016).

Na sequência do texto, o narrador continua acompanhando a família:

Vejo, porém, que se preparam para algo mais que matar a fome. Passo a observá-los. O pai, depois de contar o dinheiro que discretamente retirou do bolso, aborda o garçom, inclinando-se para trás na cadeira, e aponta no balcão um pedaço de bolo sob a redoma. A mãe limita-se a ficar olhando imóvel, vagamente ansiosa, como se aguardasse a aprovação do garçom. Este ouve, concentrado, o pedido do homem e depois se afasta para atendê-lo. A mulher suspira, olhando para os lados, a reassegurar-se da naturalidade de sua presença ali. A meu lado o garçom encaminha a ordem do freguês (SABINO, 2015 p.23).

Nesse momento, a família tenta vencer o sentimento de inadequação, e seguir com o intuito deles em estar no local naquele momento. Entretanto, na hora de receberem o pedido “homem atrás do balcão apanha a porção do bolo com a mão, larga-o no pratinho”. É apenas uma fatia de bolo e um refrigerante, comprado com o dinheiro discretamente contado pelo pai. Eles começam a pegar algumas velas em uma sacola, e o autor, destaca que a essa altura, eles já se tornaram invisíveis aos olhos dos outros. “Ninguém mais os observa além de mim” (SABINO, 2015 p.23).

O narrador destaca que são apenas três velas, indicando a idade da criança, e que apesar da situação aparentemente tão improvisada, a mãe, agia com capricho. O jornalista descreve então, o momento do parabéns para a pequena aniversariante:

Como a um gesto ensaiado, a menininha repousa o queixo no mármore e sopra com força, apagando as chamas. Imediatamente põe-se a bater palmas, muito compenetrada, cantando num balbúcio, a que os pais se juntam, discretos: “Parabéns pra você, parabéns pra você...” (SABINO, 2015 p.23).

A menina é a única a comer, recebendo logo após, mais uma vez cuidados recheados de carinho. O narrador, descreve que o pai parece orgulhoso daquilo que tinha oferecido. Logo após, enquanto a família se retirava, o pai fica frente a frente com o cronista que os observava. “Dá comigo de súbito, a observá-lo, nossos olhos se encontram, ele se perturba,

constrangido - vacila, ameaça abaixar a cabeça, mas acaba sustentando o olhar e enfim se abre num sorriso (SABINO, 2015 p.23).

Aquele sorriso, descrito por Sabino como puro, foi o que fez com que ele soubesse exatamente sobre o que escreveria, dando origem a essa crônica. “Assim eu queria minha última crônica: que fosse pura como esse sorriso” (SABINO, 2015 p.23). E assim, aquela família, negra e pobre, oferecia para o narrador aquilo que ele realmente buscava, a esperança necessária para terminar um ano como quem apaga as velas de seu aniversário em uma pequena fatia de bolo em um botequim, mas que ainda assim, conseguindo sorrir e acreditar no que vem pela frente.

E esse sentimento, a partir do autor e sua crônica, se eternizou. E cabe ao letramento literário, a oportunidade que essas e outras histórias sejam contadas e ajudem a desenvolver a sensibilidade de olhar para o mundo e as pessoas com a delicadeza que teve Fernando Sabino. Para Barthes (1992), esse é o poder da literatura. Para Freire (2008), essa é a função da escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito principal do presente escrito foi a tentativa de produzir uma reflexão e vislumbrar possibilidades para uma temática extremamente relevante. A formação competente de leitores está diretamente relacionada à formação competente de cidadãos críticos e igualmente competentes na mudança dos seus próprios quadros sociais.

Longe de qualquer desejo utópico no poder transformador da literatura como instrumento de protagonismo social ou pragmatismo pelo letramento e senso crítico, fato é que há um desafio gigantesco, até mesmo para as populações alfabetizadas em conseguir pensar livremente, a partir do contato com a literatura, sob pena de uma sociedade mecânica, instrumental, de uma educação comprometida com indicadores, massificando sensibilidades e subjetividades.

Nisso reside também a grande importância do letramento enquanto proposta para a formação de crianças e adolescentes, hábeis no entendimento do seu universo e do outro, capazes de respeitar e perceber o mundo a partir de registros de sua sensibilidade e subjetividade.

Intentou-se apresentar uma proposta de letramento literário a partir do texto "A Última Crônica" de Fernando Sabino, para o Ensino Fundamental II. Foi realizada uma contextualização histórica e social da linguagem e escrita, ressaltado o papel transformador da

escola no processo de letramento, principalmente diante de um panorama ainda desafiador do nível de alfabetização do brasileiro na atualidade.

Espera-se haver contribuído, mesmo de forma incipiente para a produção acadêmica sobre o tema, bem como despertar em educadores a importância de potencializar práticas e propostas de letramento, como ferramenta capaz de estimular o leitor e dar ainda mais sentido ao ofício mediador do docente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATKINSON, R. L., Atkinson, R. C., Smith, E. E., Bem, D. J. & Nolen-Hoeksema, S. **Introdução à psicologia de Hilgard**. 13. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BARBOSA, Laura Monte Serrat. **A escola é lugar de gente que pensa sobre o que faz e faz o que pensa**. In: PAROLIN, Isabel Cristina Hierro (org.). **Sou Professor! A formação do professor formador**. Curitiba: Positivo, 2009.

BARTHES, Roland. **Aula**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1992.

BENDER, Flora Cristina; LAURITO, Ilka Brunhilde. **Crônica – História, Teoria E Prática**. São Paulo: Ed. Scipione. Col. Margens do texto, 993.

BOONE, Daniel R.; PLANTE, Elena. **Comunicação Humana e seus Distúrbios**. 2ªed., Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

COSSON, Rildo. **Letramento literário- teoria e prática/ Rildo Cosson- 2º ed., 5º reimpressão- São Paulo: Contexto, 2014.**

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008. 224 p.

KLEIMAN, Angela B. (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado das Letras, 1995.

LEONTIEV, A. **Os princípios psicológicos das brincadeiras pré-escolar**. In: VIGOTSKII, Lev Semenovich; LURIA, Alexander R., LEONTIEV, Alexis N. N. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. São Paulo: Ícone: Edusp, 1998b. p. 119-142.

PAULINO, Graça. 1999. Letramento Literário: cânones estéticos e cânones escolares. Caxambu-MG: **ANPED**. Texto encomendado: GT 10 - Alfabetização Leitura e Escrita. Texto eletrônico, 17 p.

PIAGET, Jean. **O desenvolvimento do pensamento: equilibração das estruturas cognitivas**. Lisboa: Dom Quixote, 1977.

SABINO, Fernando. **A última crônica**. In: Para gostar de Ler. Volume 5. São Paulo: Ática, 2003.

SILVEIRA, Maria Inez Matoso. **Ateliê de crônicas & portfólio. Leitura** (UFAL), v. 42 p.237-249, 2009.

SOARES, Magda. **Letramento: Um tema em três gêneros/ Magda Soares**. 3 ed. reimp- Belo horizonte: Autêntica Editora, 2012.

TFOUNI, L. V. **A dispersão e a deriva na constiuição da autoria e suas implicações para uma teoria do letramento**. In: Signorini, I. (org). Investigando a relação oral e escrito e as teorias do Letramento. Campinas: Mercado das Letras, 2001

TEBEROSKY, Ana & COLOMER, Tereza. **Aprender a ler e a escrita. Uma proposta construtivista**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

WAGNER, D. **Alfabetização: construindo o futuro**. Genebra: Unesco; 2000.

ANEXO I – A Última Crônica – Fernando Sabino

A caminho de casa, entro num botequim da Gávea para tomar um café junto ao balcão. Na realidade estou adiando o momento de escrever. A perspectiva me assusta. Gostaria de estar inspirado, de coroar com êxito mais um ano nesta busca do pitoresco ou do irrisório no cotidiano de cada um. Eu pretendia apenas recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência, que a faz mais digna de ser vivida. Visava ao circunstancial, ao episódico. Nesta perseguição do acidental, quer num flagrante de esquina, quer nas palavras de uma criança ou num acidente doméstico, torno-me simples espectador e perco a noção do essencial. Sem mais nada para contar, curvo a cabeça e tomo meu café, enquanto o verso do poeta se repete na lembrança: "assim eu queria o meu último poema". Não sou poeta e estou sem assunto. Lanço então um último olhar fora de mim, onde vivem os assuntos que merecem uma crônica.

Ao fundo do botequim um casal de pretos acaba de sentar-se, numa das últimas mesas de mármore ao longo da parede de espelhos. A compostura da humildade, na contenção de gestos e palavras, deixa-se acrescentar pela presença de uma negrinha de seus três anos, laço na cabeça, toda arrumadinha no vestido pobre, que se instalou também à mesa: mal ousa balançar as perninhas curtas ou correr os olhos grandes de curiosidade ao redor. Três seres esquivos que compõem em torno à mesa a instituição tradicional da família, célula da sociedade. Vejo, porém, que se preparam para algo mais que matar a fome.

Passo a observá-los. O pai, depois de contar o dinheiro que discretamente retirou do bolso, aborda o garçom, inclinando-se para trás na cadeira, e aponta no balcão um pedaço de bolo sob a redoma. A mãe limita-se a ficar olhando imóvel, vagamente ansiosa, como se aguardasse a aprovação do garçom. Este ouve, concentrado, o pedido do homem e depois se afasta para atendê-lo. A mulher suspira, olhando para os lados, a reassegurar-se da naturalidade de sua presença ali. A meu lado o garçom encaminha a ordem do freguês.

O homem atrás do balcão apanha a porção do bolo com a mão, larga-o no pratinho - um bolo simples, amarelo-escuro, apenas uma pequena fatia triangular. A negrinha, contida na sua expectativa, olha a garrafa de Coca-Cola e o pratinho que o garçom deixou à sua frente. Por que não começa a comer? Vejo que os três, pai, mãe e filha, obedecem em torno à mesa um discreto ritual. A mãe remexe na bolsa de plástico preto e brilhante, retira qualquer coisa. O pai se mune de uma caixa de fósforos, e espera. A filha aguarda também, atenta como um animalzinho. Ninguém mais os observa além de mim.

São três velinhas brancas, minúsculas, que a mãe espeta caprichosamente na fatia do bolo. E enquanto ela serve a Coca-Cola, o pai risca o fósforo e acende as velas. Como a um gesto ensaiado, a menininha repousa o queixo no mármore e sopra com força, apagando as chamas. Imediatamente põe-se a bater palmas, muito compenetrada, cantando num balbúcio, a que os pais se juntam, discretos: "Parabéns pra você, parabéns pra você..." Depois a mãe recolhe as velas, torna a guardá-las na bolsa. A negrinha agarra finalmente o bolo com as duas mãos sôfregas e põe-se a comê-lo. A mulher está olhando para ela com ternura - ajeita-lhe a fitinha no cabelo crespo, limpa o farelo de bolo que lhe cai ao colo. O pai corre os olhos pelo botequim, satisfeito, como a se convencer intimamente do sucesso da celebração. Dá comigo de súbito, a observá-lo, nossos olhos se encontram, ele se perturba, constrangido - vacila, ameaça abaixar a cabeça, mas acaba sustentando o olhar e enfim se abre num sorriso.